6. THEISSEN, G. *Sociologia do movimento de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1989.
7. SAULNIER, S. e ROLAND, B. *A Palestina no tempo de Jesus*. Paulinas: São Paulo, 1986.
8. MORIN, E. *Jesus e as estruturas do seu tempo*. São Paulo: São Paulo, 1984.
9. VOLKMANN, M. *Jesus e o Templo*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.
10. NOLAN, A. *Jesus antes do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 3ª. edição, 1987.
11. CROSSAN, J. D. *O Jesus Histórico*. A vida de um camponês judeu do Mediterrâneo. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, 1994.
12. HOORNAERT, E. *O Movimento de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1994.
13. JEREMIAS, J. *Jerusalém no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1983.

A FAMÍLIA – BODAS DE CANÁ

Maria Laura Gorgulho[1]

Introdução

"No terceiro dia houve um casamento em Caná da Galiléia e a mãe de Jesus estava lá e Jesus foi convidado para o casamento e os seus discípulos também".

À primeira vista o texto relata uma festa social: a sala, os convidados, o mestre sala, os servos, o noivo, a falta de vinho, o preocupação de uma convidada – Maria –, o dono da festa, a festa.

Lançando um olhar mais atento, vê-se que o motivo da festa é um casamento – lançamento dos alicerces de uma família, sustentáculo do clã, da tribo, da sociedade, também para Israel daquela época. Nova família que vai enriquecer o clã, com a fundação de uma nova casa, alicerçada no casamento.

Nesta reflexão, em torno desse fato – as bodas de Caná – nos perguntamos sobre a família anfitriã da festa:

1. Que tipo de família poderia ser esta que celebrava os esponsais ao qual foram convidados Jesus, Maria e os discípulos entre outros;

2. Que tipo de casamento seria este;

3. Como se davam os esponsais;

4. Como era escolhida a esposa;

1. O tipo de família[2]

A família Israelita, desde documentos antigos, é claramente patriarcal. *Bêtab* – casa paterna, é o termo próprio para designá-la. Na história das famílias, as genealogias sempre seguem a linha paterna; as mulheres não são mencionadas, senão excepcionalmente. O marido é o senhor de sua esposa, seu *baal*. O pai tem autoridade total sobre os filhos, mesmo sobre os casados, se vivem com ele. Esse direito se estende até sobre a própria vida como mostra Gn 38,24, onde Judá condena sua nora Tamar à morte, acusada de adultério.

Os elementos para constituir uma família são os laços de sangue e comunidade de habitação. Fundar uma família se diz "edificar uma casa". Na Bíblia são diversas as citações que evidenciam esta nota. Assim, Gn 7,1-7 mostra que a família de Noé com-

1. Nota da Redação: Agradecemos a Maria Laura Gorgulho que, durante vários anos, foi a sempre gentil e eficiente coordenadora de nosso grupo de biblistas do Rio de Janeiro, além de assídua colaboradora da revista *Estudos Bíblicos*. Por razões de força maior transferiu-se para Pouso Alegre (MG), concluindo às pressas seu artigo.

2. As informações que serão dadas sobre a Família Patriarcal encontram-se em: de VAUX, Roland. *As Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Ed. Teológica, 2003, p. 41-45.

punha-se de sua esposa, seus filhos e as esposas de seus filhos. Em Gn 46,8-26, a família de Jacó agrupa três gerações, perfazendo um total de 70 pessoas. Além das esposas e filhos, pertenciam à família os servos e estrangeiros, as viúvas e os órfãos que estavam sob a proteção do chefe de família. A casa podia ser numerosa como se vê em 1Cr 5,5; 2,4; 7,7-40. Habitavam o mesmo lugar, ou várias aldeias, segundo sua importância, como se lê em Jz 18,11; Ne 11,4-8 e 1 Cr 4-9 notificam a presença de várias famílias na mesma cidade.

Os deveres são comuns a todos os clãs; seus membros têm consciência dos laços de sangue que os une, tanto que se chamam de irmãos (1Sm 20,29).

Havia também uma unidade religiosa entre os membros da família. A festa de Páscoa, por exemplo, era celebrada no seio familiar (Ex 12,3.4.46). Os membros da família partilhavam os mesmos deveres, conforme Levítico, onde estão registradas as faltas contra a família (Lv 20,8-21).

A família da época de Jesus provavelmente era uma família patriarcal. O Evangelho narra que José é que deu nome ao filho que nasceu; quando perguntaram sobre a identidade de Jesus a referência foi que era filho do carpinteiro José, esposo de Maria (Mt 1,18; Lc 1,27); José foi informado pelo anjo (Mt 1,20-21); toma a iniciativa de descer a Belém (Lc 2,4), fugir para o Egito (Mt 2,13-18) e de voltar a Nazaré (Mt 2,19-23).

Jesus, Maria e José sobem a Jerusalém para celebrar a Páscoa, ocasião em que Jesus se perde de seus pais e é encontrado entre os doutores (Lc 2,41-50).

Todas essas iniciativas são de José, o chefe da família tipicamente patriarcal.

Que tipo de casamento seria este das Bodas de Caná, numa família patriarcal?

2. O tipo de casamento

Este casamento que se celebra em Caná da Galiléia era tipicamente israelita. A cerimônia era apenas civil, sem nenhum colorido nem sanção religiosa. Embora Malaquias 2,14-15 chame a esposa de "Mulher de tua aliança" – *bêrit*[3], e *bêrit* se refere constantemente a um compromisso religioso, esse pacto de Caná não é senão um contrato de casamento. Outras passagens do Antigo Testamento podem sugerir um culto religioso numa cerimônia de casamento como:

Pr 2,17: "Abandonou o companheiro de sua juventude e esqueceu-se da aliança – *bêrit* de seu Deus".

Ez 16,8: "Passei junto de ti e te vi. Era o tempo dos amores, e estendi a aba de minha capa sobre ti e ocultei tua nudez; comprometi-me contigo por juramento e fiz aliança – *bêrit* contigo, oráculo do Senhor Javé, e tu te tornaste minha"[4].

3. Que diz: "Porque Javé é testemunha entre ti e a mulher de tua juventude, que traíste, embora ela seja tua companheira e a mulher de tua aliança" – *bêrit*.

4. Na historia simbólica sobre Jerusalém desposada de Javé, Ezequiel sugere outrossim um pacto de aliança para os esponsais, mas sem conotação religiosa, apenas com o feitio de um contrato civil que, violado pela esposa infiel, é postergado pelo perdão do esposo.

Nesse mesmo simbolismo de aliança como esponsais tem-se a aliança do Sinai que se tornou um contrato de casamento entre Israel e Javé. Só na História de Tobias 7,13 encontra-se o contrato de casamento escrito, nestes termos: "Chamou depois a mãe da moça e mandou que trouxesse uma folha de papiro e redigiu o contrato de casamento pelo qual dava a Tobias sua filha como esposa, conforme a Lei de Moisés".

Da colônia judaica de Elefantina, do séc. V aC, possuem-se muitos contratos de casamento, de modo que na época greco-romana havia um costume bem estabelecido entre os judeus. É difícil determinar com maior precisão até onde se pode remeter ao passado. Sabe-se que o código de Hamurabi, séc. XVIII aC, declarava nulo o casamento sem contrato estabelecido. Desde antes do exílio era comum em Israel redigir-se um documento de divórcio como, por exemplo, Dt 24,1.3: "Quando um homem tiver tomado uma mulher e consumado o matrimônio, mas esta, logo depois, não encontra mais graça a seus olhos, porque viu nela algo de inconveniente, ele lhe escreverá então uma ata de divórcio e a entregará, deixando-a sair de sua casa em liberdade". Do mesmo modo lê-se em Jr 3,8. Assim pode-se supor que o silêncio sobre contratos de casamento seja acidental.

A fórmula do contrato era redigida em nome do marido, não cabendo jamais à mulher: "Ela é minha esposa e eu sou seu marido a partir de hoje para sempre". Outra fórmula de Tobias 7,11: "Ela te é dada a partir de hoje, para sempre. Que o Senhor dos céus vos faça felizes e vos dê sua graça e sua paz"; ou, ainda, simplesmente as palavras do esposo: "Tu és minha mulher".

Com essas fórmulas selavam-se os casamentos diante de uma comunidade de amigos, pois o casamento era ocasião de grande alegria a muita festa, o que veremos a seguir.

3. Como se davam os esponsais

As próprias bodas de Caná nos insinuam que o casamento era ocasião de grandes festas e banquetes. Muitos eram os convidados e as bodas se realizavam na casa do noivo.

A entrada da noiva na casa do noivo era a cena principal. O noivo trazia um diadema sobre a cabeça, como diz Ct 3,11:

> "Ó filhos de Sião, vinde ver o Rei Salomão,
> Com a coroa que lhe pôs sua mãe, no dia de suas bodas,
> Dia em que seu coração, se transborda de alegria".

Ou então como fala Is 61,10:

> "Transborda de alegria em Javé
> e minha alma se regozija no meu Deus.
> Porque me vestiu com uma veste de salvação,
> cobriu-me com um manto de justiça,
> como um noivo que se adorna com um diadema,
> como uma noiva que se enfeita com suas jóias".

Música acompanhava o cortejo como escreve 1Mc 9,39:

"Levantando os olhos avistaram, entre o vozerio confuso, um grande cortejo: era o esposo com seus amigos e irmãs, que saia ao encontro da esposa, ao som de tamborins e instrumentos musicais e com armas em quantidade".

A noiva o esperava ricamente adornada com jóias, vestida com brocados é levada para o cortejo em direção à casa do noivo, com um séqüito de virgens" (Sl 45,15); coberta com véu que esconde sua face: "Teus lábios são fitas vermelhas, tua fala melodiosa; metade de romãs são teus seios, mergulhados sob o véu", que se descobre só no aposento nupcial (Ct 4,3). Esse costume explica como Labão pôde enganar Jacó, dando-lhe primeiro Lia em casamento no lugar de Raquel (Gn 19,23-25).

A cena principal só acontece quando a noiva é introduzida nos aposentos do noivo como Gênese descreve no casamento de Isaac: "E Isaac introduziu Rebeca em sua tenda: ele a tomou e ela se tornou sua esposa e ele a amou com ternura" (Gn 24,67).

Jr 16,9 assinala que são cantados hinos de amor nesse momento dizendo: "Porque assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: eis que vou fazer cessar nesse lugar aos nossos olhos e em nossos dias, o grito de júbilo e o grito de alegria, o grito do noivo e o grito da noiva". Nesses cantos celebram-se as qualidades do casal, seja qual for a interpretação que lhes é dada, alegórica ou literalmente.

Nesses elementos, os cantos nupciais, o cortejo, o véu da noiva eram indispensáveis.

De Vaux[5] narra que às vezes uma espada é levada à frente do cortejo pela noiva ou diante dela, que executa neste momento a dança do sabre. Sugere-se que seja a dança de Sulamita descrita em Ct 7,1. Outra tradição narra que às vezes os noivos fazem brandir as espadas como sinal profilático para espantar os demônios e cortar a má sorte.

Depois vem o melhor da festa, o grande banquete preparado com esmero pelos donos da casa. Gn 29,22 diz que Labão reuniu todos os homens da cidade e deu um grande banquete no casamento de Lia. Jz 14,10 fala que o pai de Sansão "desceu até a casa da mulher e Sansão ofereceu lá um banquete conforme o costume entre os jovens. De Tobias se diz que depois dos esponsais começaram a comer e beber. Em regra geral o banquete se dava na casa do noivo. Já no tempo de Jesus ele narra a parábola em Mt 22,2-3, a semelhança do Reino dos Céus com banquete: "O Reino dos céus é semelhante a um rei que celebrou as núpcias de seu filho; enviou os servos para chamar os convidados para o banquete ..." A festa era longa; durava sete dias como diz Gn 29,27. "Acabada esta semana de núpcias eu te darei Raquel, como prêmio de seus serviços que farás em minha casa durante outros sete anos..." (cf. Jz 14,12) . A festa podia prolongar-se por duas semanas, como foi o caso do casamento de Tobias com Sara. Disse-lhe o pai da noiva: "Durante 14 dias ficarás aqui comendo e bebendo em minha casa e encherás de gozo a alma de minha filha, após todas as suas tristezas. Depois voltarás à casa de teus pais".

5. De VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. S.Paulo: Ed. Teológica, 2003, p. 56.

4. Como era escolhida a esposa

Casada, a mulher passa a pertencer ao marido como se fosse um de seus bens, escravos e escravas como anuncia Ex 20,17: "Não cobiçarás a casa de teu próximo, não desejarás sua mulher, nem seu escravo ou escrava, nem seu boi ou jumento, nem coisa alguma que lhe pertença". *Baal* é a posição do marido, que significa seu senhor, do mesmo modo que senhor ou *baal* de um campo. São diversos os exemplos desse senhorio: Ex 21,3.22; 2Sm 11,26; e Pr 12,4 que diz: "Uma mulher forte é a coroa de seu marido e senhor – *baal*". Sobre a idade de casamento para a noiva a Bíblia não dá nenhuma informação. A prática de casar primeiro a mais velha não era geral (Gn 29,26). Certo é que as jovens se casavam muito cedo, como é ainda uso no Oriente. O mesmo acontecia com os jovens. Em 2Reis aparece Joaquim casando-se com 16 anos; Josias tinha apenas 14 anos quando contraiu núpcias. Mais tarde os rabinos determinaram a idade mínima para o casamento: para os jovens 13 anos e para as jovens 12 anos. A intervenção dos pais era decisiva na escolha das esposas, enquanto os interessados não eram consultados.

Desse tipo de contratação de casamento temos vários exemplos no AT:

Abraão, para escolher a noiva de Isaac, manda seu servo tratar do assunto com Labão, irmão da futura esposa Rebeca (Gn 24,32-53). Somente mais tarde é que pedem o consentimento de Rebeca (v. 57.58).

Agar escolhe a esposa para Ismael (Gn 21,21).

Judá casa seu primogênito com a esposa que escolheu para ele (Jz 14,2-3).

Esaú leva em consideração a vontade do pai para casar-se (Gn 28,8.9).

Tobit aconselha seu filho Tobias sobre a esposa a tomar (Tb 4,12-13), mas Tobias faz o contrato de casamento com o pai de Sara, na ausência de Tobit (Tb 7,9-12).

Normalmente, o pedido é feito aos pais da moça, com quem é discutida a questão do dote – *mohar* (Gn 29,15s; 34,12).

Como sempre, as filhas davam grandes preocupações ao pai antes de se casarem, como diz Eclo 42,9: "Sem o saber, uma filha causa a seus pais inquietações, o cuidado o por ela lhe tira o sono; se jovem, que ela não passe o tempo de se casar; se casada, que não se torne odiosa; se virgem, que não seja profanada".

Contudo havia certo respeito para o desejo das filhas. Havia casamento por afeto. O jovem podia decidir por si mesmo, até contra a vontade dos pais. Casavam-se parentes entre si. Abraão manda o servo buscar a prima Rebeca para casar-se com seu filho Isaac (Gn 24,4). Isaac envia Jacó para a Mesopotâmia para casar-se com a prima (Gn 28,2), filha do irmão de seu pai. Havia também casamentos fora da família e casamentos com mulheres estrangeiras. Esaú casou-se com hititas (Gn 26,24); José com uma egípcia (Gn 41,45); Moisés com uma mdianita (Ex 2,21); Noemi tinha duas noras moabitas (Rt 1,4); Davi tinha uma mulher calebita e outra araméia (2Sm 3,3). De Salomão (1Rs 11,1) se diz que no seu harém "além da filha do faraó, tinha moabitas, amo-

nitas, edomitas, sidonias e hititas". Também moças de Israel se casavam com estrangeiros (cf. 2 Sm 11,3).

Aos reis se aconselhavam casamentos mistos por motivos políticos, mas o costume logo se estendeu entre o povo, desde a instalação em Canaã (Jz 3,6). Além de ser um atentado contra o sangue, tal costume punha em perigo a vida religiosa (1Rs 11,4), por isso se tornaram proibidos por lei (Ex 34,15-16; Dt 7,3-4).

Às cativas de guerra abria-se uma exceção. Em Dt 21,10-14 lê-se que após uma cerimônia de abandono da terra de origem, elas podiam ser desposadas. Contudo o casamento misto perdurou mesmo depois do exílio (Ml 2,11-12).

Foram severas as medidas de Esdras e Neemias para guardar a pureza dos casamentos (Ed 9,10; Ne 10,31; 13, 23-27). Também pela lei de Lv 18,6 no interior das famílias o casamento de parentes próximos foi proibido, pois não se deve unir à "própria carne". São muitas as proibições neste sentido reguladas por Lv 18-21. Para os sacerdotes havia restrições especiais de acordo com Lv 21, e mais severas para o sumo-sacerdote.

Maria Laura Gorgulho
Rua Herculano Cobra, 170 – Centro
27550-000 Pouso Alegre – MG

ESTAR DENTRO OU FORA DA FAMÍLIA DE JESUS: UMA OPÇÃO RADICAL[1]

Carlos Frederico Schlaepfer

1. Introdução

No capítulo três do Evangelho de Marcos, os diversos aspectos presentes podem ser divididos em duas situações colocadas de forma antagônica: Uma, destaca elementos constitutivos de unidade: constituição dos doze (Mc 3,13-19) e da verdadeira família de Jesus (Mc 3,31-35), de acordo com sua vontade (Mc 3,14), permanecendo unida em torno de suas palavras (Mc 3,32) e obras (Mc 3,7-12.20), revelando uma comunidade portadora da missão de pregar e expulsar os demônios, missão característica do próprio Jesus (Mc 3,14-15). Outra destaca aspectos marcados pelas divisões e conflitos: em Mc 3,6, os fariseus e herodianos planejam a morte de Jesus, após a cura em dia de sábado (Mc 3,1-5); Em Mc 3,20-30, os parentes de Jesus e os escribas que descem de Jerusalém não querem aceitar a novidade trazida pela mensagem e ação de Jesus. Estas duas situações colocadas de forma antagônica apontam para uma tensão entre unidade e divisão presente no capítulo três do Evangelho de Marcos: a força de uma dimensão comunitária, ligada ao movimento de Jesus, frente a um movimento contrário, marcado pelas forças políticas (herodianos) e pelo poder da tradição (fariseus e escribas) e cultura (parentes) judaicas.

Da tensão entre unidade e divisão, percebe-se que a casa possui um lugar de destaque. Esta presença acentuada da casa é bastante significativa[2], pois em diversos momentos ela é o lugar do encontro entre Jesus e os discípulos, lugar onde acontecem o ensinamento e a aprendizagem, em outras palavras, a casa/comunidade dos discípulos de Jesus, destacando a sua dimensão eclesial e comunitária. Neste sentido, estar dentro ou fora da casa passa a ser um diferencial marcante na perspectiva do seguimento de Jesus, pertença e participação do seu projeto. Todos os interlocutores que estão presentes dentro da narrativa do capítulo três podem ser vistos a partir da casa: os Doze constituídos por Jesus, ou a sua verdadeira família que faz a vontade de Deus, estão dentro da casa, isto é, do movimento e projeto de Jesus; os parentes que querem agarrá-lo, ou os familiares que mandam chamá-lo, estão fora da casa, isto é, não querem aceitar os ensinamentos e ações de Jesus. Desta tensão presente na casa entre unidade e divisão, aparece a grande discussão com as autoridades judaicas, representadas pe-

1. O presente artigo é uma síntese da tese de doutorado em teologia bíblica, defendida pelo autor em 2002 na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro com o título: *"A dinâmica da casa em Mc 3,20-35. Estar dentro ou fora como sinal da tensão entre unidade e divisão"*.

2. Cf. SCLAEPFER, Carlos Frederico. A Ética do seguimento em torno da casa de Jesus. *Estudos Bíblicos*. n. 79, 2003: 39-48. O autor apresenta um breve estudo sobre o sentido da casa/família no Evangelho de Marcos. Aqui estaremos utilizando os vocábulos casa e família indistintamente.